mocidade portuguesa feminina
Foto: MANUEL DE OLIVEIRA

SUMÁRIO

OBRA DAS MÃIS PELA EDUCAÇÃO NACIONAL
«MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA»

Direcção, Administração e Propriedade do Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa Feminina. — Redacção e Administração: Comissariado Nacional da M. P. F., Praça Marquês de Pombal, n.º 8 — Telefone 4 6134 — Editora Maria Joana Mendes Leal. — Arranjo gráfico, gravura e impressão da Neogravura, Limitada, Travessa da Oliveira, à Estrêla, 4 a 10 — Lisboa

BOLETIM MENSAL — ASSINATURA AO ANO, 12$00 — PREÇO AVULSO 1$00

N.º 40

AGOSTO

1942

Foto: FERNANDO DA PONTE E SOUSA

Lição de Gil Vicente

Falará desta vez Gil Vicente, o poeta dramaturgo dos *„Autos"* — tão cheios de fina sabedoria, ainda mesmo para a gente de agora aprender neles aquelas lições sàdias de bom senso — que é o que mais vai faltando por aí...

Que *"Auto„* escreveria o bom Gil Vicente se agora vivesse, e conhecesse tôda a mocidade dêste tempo — e, em particular, a mocidade que faz seu verão de férias por aí por tôda a parte — que escreveria êle, santo Deus?!... Mas não seria talvez preciso nada de novo...

Como no *"Auto da Alma"*, o caso repete-se...

«Senhora, eu vos direi
Meu parecer.
Ha hi tempo de folgar,
E idade de crescer;
E outra idade
De mandar e triunfar
E apanhar
E acquérir prosperidade
A que puder
Ainda he cedo para a morte;
Tempo ha de arrepender,
E ir ao ceo.»

É conselho do "Diabo" à "Alma", "mui temerosa da contenda", na hora da luta que tôda a vontade sofre sós-a-sós com a virtude. Combates lindos de onde nascem heroinas, depois das dores cruciantes das renúncias necessárias. Mas... quem vai primeiro a ouvi lo, ao tentador?... a fazer primeiro concessões?...

«Faço o que vejo fazer
Pelo mundo»...

...eterna desculpa, de hontem e de hoje...

E porque os outros, o "mundo", anda "carregado" de mil mentiras e vaidades, Toca a ouvir o "cossairo Satanaz", insidioso.

«O ouro pera que he
E as pedras preciosas
E brocados?
E as sedas para que?
Tende por fé,
Que p'ra as almas mais ditosas
Forão dados.
Vêdes aqui hum collar
D'ouro mui bem esmaltado,
E dez aneis.
Agora estais vós p'ra casar
E namorar:
Neste espelho vos vereis».

E aceita-se. Sabem bem à mocidade "despiedosa" e "perfiosa" falas assim que lhe dizem de tôdas as esquinas outros "cossairos"... E é vê-la a acreditar:

«Oh como estou preciosa,
Tão dina para servir
E santa para adorar!

• • •

«...carregada
E embaraçada
Com cousas que, à derradeira
Hão-de ficar.»

...a mocidade não quere sempre ouvir antes os bons Anjos que à sua guarda têem as almas e as graças de beleza e encantamento femininos, que são tôda a riqueza e verdadeiro deslumbramento de uma rapariga.

Escola Portuguesa — JUIZO FINAL — MUSEU DAS JANELAS VERDES — 1.ª metade do Século XVI

A mocidade não quere ouvir, nem ver...

«Vêdes aqui a pousada
Verdadeira e mui segura
A quem quer vida.»

recomenda o Anjo bom. É prudência e segurança entrar, alma "cansada e carregada„. É prudência...

E aqui, uma vez chegada e entrada, deixar a razão e o bom senso falar. Na verdade, tantas vezes poderás repetir com a "Alma„:

«Não sei pera onde vou:
Sou selvagem...»

. . . .

«Sou a triste, sem ventura

. . . .

E por minha triste sorte,
E diabólicas maldades
Violentas
Estou mais morta que a morte,
Sem deporte,
Carregada de vaidades
Peçonhentas
Sou a triste, sem mèzinha...

. . . .

Sincera, clamarás para a "hospeda senhora„.

Que a mão de Satanaz
me tocou
E sou já de mim tão fora,
Que agora
Não sei se avante, se atraz
Nem como vou.»

. . . .

Retrato tão flagrante, tal actual! No desatino da vida moderna, quantas de si "tão fora„. que nem acertam bem por onde andam e tropeçam a sua dignidade e bom nome e senhoril porte que jàmais se deve perder por nosso bem e bem dos outros!...

Porque não merecer a fala de "Agostinho„?

«Ó alma bem aconselhada,
Que dais o seu cujo se;
O da terra à terra:
Agora ireis despejada
Pela estrada,
Porque venceste com fé
Forte guerra».

G. A.

NOTÍCIAS DA M.P.F.

Beja: Ensino Doméstico no Centro n.º 2. Colégio de S. Salvador

BEJA

As ilustres dirigentes da ala de Beja tomaram a iniciativa de contemplar com roupas e uma merenda algumas crianças pobres da nossa cidade em comemoração do Domingo de Páscoa.

Ampliados os recursos próprios da M. P. F. com valiosos donativos de casas particulares, confeccionou a M. P. F. de Beja 120 bibes de riscado, que numa singela mas comovente festa foram entregues a outras tantas crianças das mais desprotegidas da sorte.

E' dessa pequena festa que vos venho falar:

Numa das salas da Cantina Escolar (gentilmente cedida para êsse fim) singela mas artìsticamente ornamentada com «cobertas» de chita, flores frescas e garridas e bandeiras nacionais, foi improvisada uma enorme sala de jantar. Ao centro, duas filas de mesas com as suas toalhas muito branquinhas, flores em grande parte campestres, pratinhos com bolos e um pacotinho de amêndoas da Páscoa para cada pobresinho contemplado. Aos lados mais mesas onde se viam enormes bandejas cheias de apetitosos e pequenos pãis com rodas de carne ensacada a espreitarem pelos cortes.

Com que alegria vestimos os bibes nas crianças (esquecia-me dizer que tinham de 3 a 7 anos), assustadas umas, outras admiradas com tudo o que viam, chorosas as mais pequeninas por terem deixado as mãis. Sentados todos em volta das mesas, deu-se início à nossa festa com a entrada das autoridades civis, militares e religiosas, muitas senhoras e cavalheiros, e ao som do nosso hino da Mocidade Lusitana.

Não calculam como era enternecedor vêr aqueles pequeninos sêres quási mal alimentados, satisfazerem a sua avidês, primeiro com o pão, depois com os bolos, enquanto olhavam amorosamente os seus pacotinhos de amêndoas; depois quási todos guardavam para suas mãis e irmãos, bolos e pão que livremente tiravam, tal era a abundância que os cercava.

Luiza de Mira Galvão
Filiada n.º 20425 do Centro n.º 3 da Ala n.º 1
Baixo-Alentejo

ALCÁCER DO SAL

No dia 30 de Março, Domingo de Ramos, fizemos a nossa Comunhão Pascal, tivemos uma missa muito bonita, dialogada por nós, e com cânticos.

Gosto imenso das festas em que, juntas, comungamos nas mesmas ideias e, sem dúvida, nesse dia o nosso pensamento era o mesmo, e a alegria e felicidade era uma só para tôdas nós.

Houve a Bênção dos Ramos e, pela altura da S. Comunhão, o nosso Professor de Moral, Rev. Padre Sá Rosa, fez uma alocução que foi ouvida com todo o respeito. Quando recebi Jesus, pedi-lhe de todo o meu coração, pela nossa Mocidade, pela Paz em todo o mundo, e pelo nosso querido Portugal.

Foi-nos servido o primeiro almoço na Sub-Delegacia e era tão bom e tão grande, que nos serviu de almoço.

Pelas 4 horas fomos dar um passeio ao Senhor Jesus dos Mártires aonde lanchámos, brincámos e tirámos fotografias.

Para mim foi um dia cheio de felicidade e terminámo-lo com a assistência ao terço a Nossa Senhora, pedindo-lhe muito pelas nossas Dirigentes.

Maria da Fátima Mendes C. Passos
Filiada 28.489 — Vanguardista — Ala 9 — Centro n.º 2

ALVITO

Fez-se uma distribuição de vestuário a algumas das mais pobrezinhas na ocasião da Semana da Mãe; tomaram parte na Sopa dos pobres, pelo Natal, e ultimamente, nas Festas Jubilares de Nossa Senhora de Fátima, aqui realizadas com tôda a solenidade que se podia exigir neste meio local.

BRAGANÇA

A-fim-de entregar à Ex.ma Presidente da Obra das Mãis pela Educação Nacional os berços e enxovais oferecidos pela M. P. F., realizou-se no teatro desta cidade uma brilhante sessão solene a que se dignou presidir Sua Ex.a R.ma o Senhor Bispo e com a assistência do senhor Governador Civil do distrito, Presidente da O. M. E. N., directoras de Centro e adjuntas da M. P. F., filiadas e numerosas pessoas.

Pronunciou um discurso a Sub-Delegada Regional, que em nome da M. P. F. fez a entrega dos berços e roupinhas, «trabalhadas com o coração da Mocidade» — disse.

Na mesma ocasião foi entregue um diploma concedido ao Centro n.º 2, dirigido pela professora de lavores D. Judith P. de Lemos e um prémio de 100 escudos à filiada Felisbina Borges.

As filiadas de Bragança participaram no V Salão Estético com os trabalhos de altar — toalha, pavilhão, veu de calice, pala, corporal, sanguíneo e manustergio — cuja fotografia publicamos.

MOURA

Foram confeccionados berços e enxovais para recém-nascidos, trabalhos êstes que foram expostos.

Por ocasião da Páscoa foi também distribuido um jantar a perto de 300 crianças das mais necessitadas desta vila e dis-

Moura: Aspecto da exposição dos berços e enxovais oferecidos pelas filiadas da M. P. F

tribuïção de bibes a algumas das crianças tendo, tanto o jantar como os bibes, sido confeccionados pelas filiadas.

Há cêrca de 3 meses foi distribuido pelas filiadas um lanche a 30 crianças.

CASTRO VERDE

Nêste Centro temos trabalhado activamente para desenvolver nas filiadas sentimentos de bondade e ao mesmo tempo de amor por Deus e pelo próximo.

Por ocasião do Natal confeccionaram as filiadas grande número de peças de roupa para criancinhas e organizou-se uma pequenina festa em que tomaram parte as contempladas, festa que decorreu com grande entusiasmo.

Também no dia de Nossa Senhora da Conceição, padroeira da nossa terra, as filiadas mandaram celebrar uma Missa durante a qual entoaram cânticos religiosos que muito agradaram à assistência, enchendo depois de flores o altar de Nossa Senhora.

Pela Páscoa cumpriram o dever pascal, comungando na sua totalidade. Tomaram parte nas comemorações do jubileu de Nossa Senhora de Fátima incorporando-se na procissão das velas que se realizou aqui no dia 9 e assistiram a tôdas as restantes cerimónias.

Na quinta-feira de Ascenção tôdas as filiadas, acompanhadas pela directora de Centro e Instrutora, foram para o campo e ali, dando expansão à sua alegria e gosando plenamente os encantos dum maravilhoso dia de primavera, organizaram uma pequenina festa.

Quási tôdas as filiadas têm organizado os seus cadernos de moral ilustrados com desenhos.

Para encerramento dos trabalhos dêste ano têm em preparação uma festa na qual haverá uma sessão solene para entrega dos prémios às filiadas que apresentarem os melhores trabalhos na exposição de lavores.

Eis em resumo o que tem sido durante o ano a vida dêste Centro.

A Directora do Centro

Alcácer do Sal: Junto ao Cruzeiro do Senhor Jesus dos Mártires

Bragança: Um grupo de filiadas da M. P. F.

Bragança: Filiadas de Bragança trabalhando nas roupas de altar que foram expostas no V Salão Estético

Bragança: Trabalhos da M. P. F. destinados ao V Salão de Educação Estética

A GRADUADA FAZ CAMPISMO

«El-rei manda marchar, não manda chover!» — assim se dizia antigamente.

O bom princípio de disciplina e de coragem que estas palavras significavam, ainda hoje está em honra na *Mocidade!*

O 1.° dia de Campismo foi marcado sem contar com a chuva! Mas as nossas raparigas pouco se importaram também com ela: — alegremente partiram para o campo e gozaram o seu dia, como se o sol brilhasse!

Férias no Campo

Foto: ALVÃO

PASSAS as tuas férias no campo? Não tenhas pena! As férias no campo são mais simples, mas nem por isso menos agradáveis.

Aprende a tirar proveito das condições em que te encontras. Para nos divertirmos, não precisamos de divertimentos pagos. Gosa a vida quem sabe saboreá-la; um copo de água fresca mata melhor a sêde do que uma taça de cup.

A alegria convencional das festas mundanas têm notas falsas que se assemelham a soluços... A verdadeira alegria é aquela que não necessita de ser provocada — porque está em nós!

As férias no campo têm a sua doçura. Vais talvez passá-las na aldeia onde nasceste.

Na igreja, tens o teu lugarzinho certo, onde já ajoelharam os teus pais e avós...

Os caminhos conhecem os teus passos, tantas vezes neles marcados!

As árvores estendem-te os frutos dos seus ramos...

As crianças andam atrás de ti fazendo-te cortejo, como se fôsses uma princesa...

E os velhinhos revêem-se em ti, achando-te em cada ano «mais crescida e mais bonita», ou «mais nova», se já não estás em idade de crescer!

Todos te conhecem. Estás em família. A tua casa fica talvez paredes meias com as casas dos pobres. Não há palácios. Mas vê como é lindo o «cenário rústico» dessa casa de aldeia, que a objectiva fixou em Ermezinde?

E quantas fotografias semelhantes, ou com características diferentes mas igualmente belas, se poderiam colher por Portugal inteiro!

Por modesta que ela seja, podes ter a certeza que estás melhor na tua casa do que num luxuoso hotel.

E olha, os casinos, porque suspiras talvez, não te fazem falta! É bem melhor gosares as manhãs a passear do que perderes as noites a dansar! Aproveita bem as tuas manhãs de férias. Passa pela casa de Deus e depois vai dar uma longa caminhada, aspirando a frescura do ar matinal e enchendo a alma de luz e alegria! E se à tarde não podes fazer «picadeiro» nas ruas apertadas entre cafés, tens as estradas por tua conta: vai esperar os rebanhos que recolhem ao aprisco sem terem deixado nenhuma ovelha tresmalhada.

E se não tens sono ainda, conta as estrêlas no céu: faz bem olhar para cima!

Não te lamentes, se a Providência te destinou as tuas férias no socêgo duma aldeia. As férias no campo também têm o seu encantamento.

A terra comunica serenidade e fôrça. Descansa; renova o teu espírito; acumula reservas de alegria, tomando parte em tôdas as festas da natureza. E que lindas festas! Festas de que o sol é o mordomo e os pássaros os cantores assalariados para todos os dias!

Festas para que tu estás sempre convidada. Vê lá! não sejas ingrata para Deus!

Maria Joana Mendes Leal

Foto: CASIMIRO VINAGRE

A ORIENTAÇÃO DA GINÁSTICA DENTRO DA M. P. F.

REALIZARAM-SE em Junho passado os Exames das Intrutoras de Educação Física da M. P. F. Para tornar mais bem conhecida a orientação dada a êsses cursos a professora sueca Froken Ingrid Ryberg escreveu para o nosso Boletim o artigo que a seguir publicamos.

Uma das ideias dominantes que presentemente revoluciona a Educação humana é o renascimento da educação física. Como todos sabem, a educação física foi cultivada pelos gregos e romanos — povos êsses possuidores da mais alta formação social da antiguidade — e mais cêdo ainda, na China, durante o período áureo da cultura dos primeiros séculos dêsse império, o que nos demonstra que o problema, embora actual, não é novo.

Quanto mais estão adiantados os povos em civilização e quanto mais se afastam da vida livre e higiénica do homem primitivo, dedicando-se a trabalhos sedentários e intelectuais, tanto mais precisam também de encontrar na ginástica a compensação para o movimento que pouco a pouco lhes faltou e que é necessário ao desenvolvimento harmónico do corpo e ao equilíbrio normal entre êste e o espírito. Nesta compensação reside a finalidade da educação física.

Não nos cansaremos de afirmar que se a E. F. tivesse apenas por fim desenvolver os músculos não teria suficiente valor para poder constituir parte integrante e ocupar o lugar que ocupa na educação dos jóvens. O fim da educação física é tão evidente que justifica a necessidade não só de os rapazes fazerem exercícios físicos mas também as raparigas.

Se àqueles cumpre serem fortes e sàdios para defender, servir e engrandecer a Pátria, não podem estas prescindir das mesmas qualidades e de muitas outras mais, que valorizem no presente a pessoa humana das que serão futuras mãis e hão-de propagar a vida nas gerações vindouras!

A Mocidade Portuguesa Feminina adoptou no ensino da ginástica o sistema sueco, oficialmente usado em outras escolas de Portugal e de vários países do mundo.

Abstraindo de considerações críticas, descabidas no âmbito dêste trabalho, lembramos apenas que as alunas das escolas portuguesas, desde os 7 anos de idade, saem de casa e para ela regressam à tarde, esgotadas das aulas e ainda com lições para estudar! A vida assim o exige e não é possível introduzir nela modificações radicais... Que tempo têm para se "mexer,,?

Muito pouco. Então, dêmos a todas a possibilidade de fazerem ginástica para que esta sirva de compensação ao movimento que lhes falta.

Na ginástica há que ter em vista:

Primeiro: o desenvolvimento do corpo e algumas vezes a sua correcção, pois sem um corpo harmònicamente desenvolvido também os orgãos internos não podem funcionar normalmente.

Segundo: a distracção mental e o descanso que o trabalho físico, metódico e não violento pode dar.

A forma como a ginástica sueca há quási 135 anos satisfaz às finalidades acabadas de enumerar deu-lhe fama mundial.

Para satisfazer ao primeiro ponto, êste sistema executa a educação física fundamentando-se apenas em movimentos, agrupados segundo as leis anatómicas e fisiológicas.

Que a ginástica seja pouco mais ou menos interessante a executar depende naturalmente de quem a dirige.

O próprio fundador do sistema diz que: "excluir da ginástica a distracção dos sentidos e não oferecer senão um trabalho triste e severo é matar o espírito da ginástica,,.

Com isto não se quere dizer que a instrutora, para satisfazer as alunas, sacrifique aquilo que deve ser.

É pelo seu próprio trabalho que "o grupo", com confiança na professora, sente aumentado o sentido da vitalidade, que lhe dá o contentamento, a sensação do *agora cheguei*, ao vencer um obstáculo, embora isso apenas represente uma pequena vitória.

A propósito é curioso referir que as alunas depressa perdem o interesse pelo trabalho se delas não é exigida uma cooperação que vá quási ao limite das suas possibilidades.

Nestas considerações já em parte se fazem algumas referências à segunda finalidade da ginástica, atrás enumerada.

Como porém o papel que a ginástica exerce ao distrair e repousar o espírito do trabalho mental é mais lato que à primeira vista se afigura, julgamos conveniente chamar para êle mais concretamente a atenção de todos que se interessam pelo papel da ginástica na educação e seus benefícios.

A ginástica ajuda as raparigas, "areja-as lá por dentro" de um dia passado sentadas, sem poderem falar a seu gôsto, por vezes preocupadas com o receio da lição que pode ou não estar bem sabida; depois dá-lhes a liberdade de poderem ser juvenilmente alegres, irmanadas nos jogos, a correr, a brincar fora de quaisquer preocupações, como por exemplo sucede na dança rítmica, em que há que atender às exigências da música, ao ouvido musical de cada uma, a um corpo já treinado, etc., e que por isso obriga a selecções entre as alunas o que é sempre prejudicial pelas exclusões que faz e leva seguramente a descontentamentos.

Uma das grandes preocupações do ensino racional da ginástica deve ser precisamente "arrastar" tôdas connòsco, não deixar algumas para trás, procurar colocar tôdas em iguais condições, sem criar, por exemplo, a algumas "gorduchas" o sentimento tão "agudo" da inferioridade.

A professora deve interessar-se indistintamente por tôdas e não exclusivamente pelas melhores. Estas últimas, quando assim o desejem, poderão aperfeiçoar-se mais fora das lições escolares, adquirindo assim um complemento interessante da educação física.

Recordemos ainda, e não é demais repeti-lo, que a idade escolar representa uma revolução na vida da criança, e que esta entra numa época completamente diferente da que tem vivido até ai.

Se a lição de ginástica ou os recreios não lhe derem expansão ao excesso de vitalidade e energia que deve ter, ficará desinquieta e sem a atenção necessária nos restantes tempos lectivos.

Além disso, a ginástica é fonte de disciplina e dá um sentido social de decisão, de grande utilidade, que ainda se desenvolve mais durante os jogos, por isso os jogos devem, ou seguir, ou ser incluidos nas próprias lições de ginástica.

O ensino da ginástica está sujeito às regras da pedagogia, como qualquer outra cadeira, e por conseguinte é sempre feito segundo o desenvolvimento mental e físico das diferentes idades. Por esta razão na M. P. F. segue-se naturalmente a ordem dos escalões; depois deles a Escola de Graduadas e, como treino o grau máximo, a Escola de Instrutoras de Educação Física.

Todo o ensino está subordinado ao espírito Nacionalista e às directrizes de ordem moral que orientam as actividades da Mocidade Portuguesa Feminina.

Não exibimos as filiadas em quaisquer demonstrações públicas; preferimos que trabalhem para si em seu próprio proveito.

Que importa perder o estímulo que dessas manifestações poderia advir se essas exibições têm os seus perigos e em 50 % dos casos, por muito pouco espectaculosas que sejam, prejudicam continuamente o ensino pelas grandes alterações a que necessàriamente induzem na sua rotina habitual?

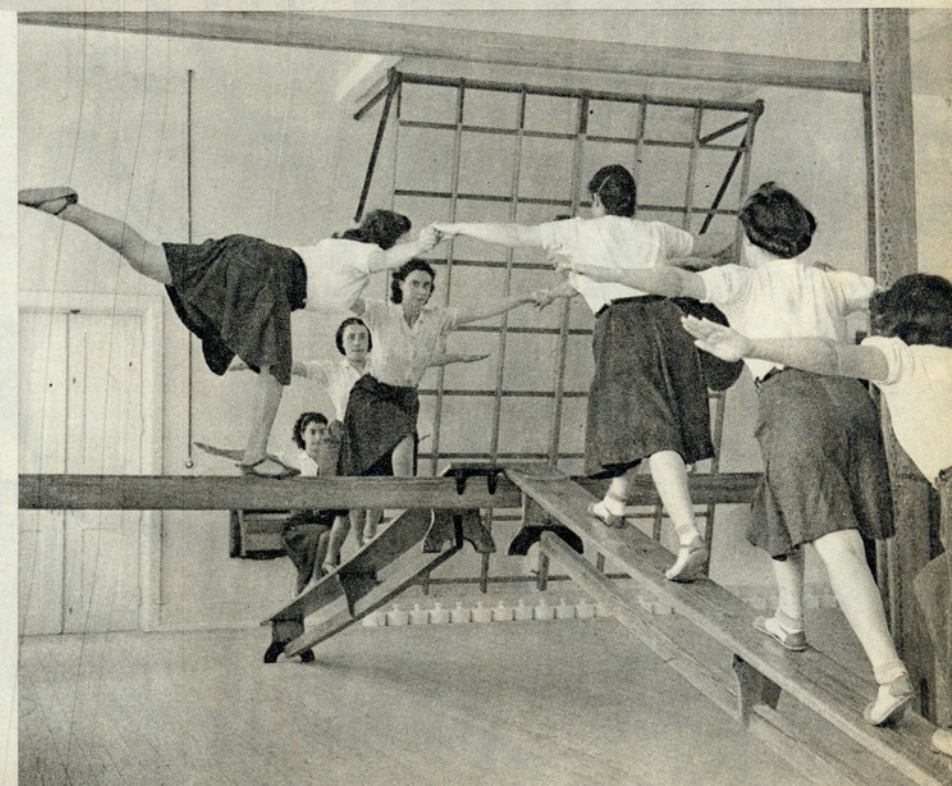
À M. P. F. importa acima de tudo o bem das raparigas; por isso o seu trabalho, dentro do ramo da Educação Física, só pode ter sempre um único ideal: o de contribuir, através de uma educação completa, para a formação harmónica da alma e do corpo das suas filiadas.

Ingrid Rybery

Fotos: MARTINZ POZAL

1

Mocidade Alemã

2

FRAULEIN PETZKE, uma das dirigentes da Mocidade do Reich, assistiu conforme ja dissemos no nosso Boletim de Junho, aos exames das graduadas, tendo ficado muito bem impressionada com o que viu. Pouco tempo depois recebeu a direcção da Mocidade Portuguesa Feminina convite para ver em Palhavã os treinos de educação fisica e desporto, que se realizavam no campo do Colégio Alemão. Em 1 de Julho, por especial convite, assistiu a nossa Comissária, Snr.ª D. Maria Guardiola e outros membros da direcção, à festa da Mocidade do Reich em Lisboa. Os exercicios (provas desportivas e movimentos de conjunto) revelaram os principios de disciplina e de espirito de grupo, em que se baseia a educação alemã. Num amável improviso, o Director dessa Mocidade expressou o desejo que continuem a desenvolver-se as boas relações entre as duas organizações. — Embora exista, evidentemente, diferença nos métodos de ensino adoptados, encontramos muitos pontos de contacto, no culto do amor da Pátria e da Familia, comum às duas Mocidades.

1 — Fraulein Waltraut Petzke saúda as Dirigentes Portuguesas perante a Mocidade do Reich formada. 2 — A Mocidade Feminina do Reich, em Lisboa, como prova final dos seus exercícios, dansa alegremente. 3 — Na festa da Mocidade do Reich. Vê-se S. Ex.ª o Ministro da Alemanha, assistindo às provas de educação física, tendo à direita a Ex.ma Comissária Nacional da M. P. F. e à esquerda a sr.ª Condessa de Penha Garcia, Directora dos Serviços de Inter-câmbio

3

Foto: DR. MARTINS BARATA

ESCUTA A VOZ DO MAR

Foto: MÁRIO NOVAIS

ESTÁS a passar as tuas férias na praia? Escuta a voz do mar e procura compreendê-la.

Emílio Castelar, no "Prólogo do céu", descreve-nos com a sua prodigiosa imaginação, tocada de fé cristã, os segrêdos e anseios do mar.

"Estou só, meu Deus! Para onde quer que revolvo as minhas turbulentas ondas, encontro-me só; e rodo sôbre a terra que é o meu eterno leito! Quisera subir até Ti, até ao teu trono! Chamo-Te com a voz dos meus furacões e não me respondes! Corro em tua busca com o impulso das minhas correntes e não Te encontro! Envio ao céu os meus vapores e não chego até tua glória, e tornam a cair sôbre o meu seio imenso sempre agitado e revôlto!"

E' o mar quem assim fala — e a quem ha-de falar o mar se não Aquele que o criou?!

"Dize-me se na criação com que has povoado o Universo, existe alguma coisa mais formosa que o mar, que suas correntes, que suas ondas prateadas, suas coroas de espuma, seus hortos de algas, suas esteiras fosforescentes, seus animais em embrião, que fulgem nas gotas de água como as estrelas em teu céu!

Dize-me se has feito algúma coisa mais formosa que esta imensa planicie, envolta, confundida em amoroso extase com os ares, que a beijam eternamente!

Dize-me se nos espaços infindos terás um espelho que melhor possa reflectir todo o brilho do teu diadema de mundos, de tuas sandálias de sóes, de teu manto de luz!

Dize-me se haverá nalgum astro mais movimento que em minhas eternas, alteradas ondas; mais vegetação que em meus bosques de corais; mais luz que em minha inflamável fosforescência; mais vida que em minhas infinitas criaturas, mais beleza que em minha ligeira ondulação eriçada de aura; mais amor que em meu seio anelante de subir até Ti para beijar o pó das tuas plantas!

Aqui, só, estendo-me, alargo-me, dilato-me e perco-me, e nunca, nunca encontro um limite! Tenho medo da minha soledade e da minha grandeza! Eleva-me, Senhor, e serei perola da tua coroa... E se isto é muito, pequena gota de rócio suspensa na última folha da tua glória, como lágrima de eterna aurora!"

Mas apesar de tôda a sua beleza e dos seus desejos ardentes, o mar não pode conhecer a Deus nem elevar-se até Ele!

Não o pode o mar, nem o pode a águia, que orgulhosa das suasasas, exclama: "Quem voará mais alto do que eu?!"

Não o pode a águia, nem o pode o rouxinol, que enlevado na doçura do seu próprio canto, diz ao Senhor: "Eu canto porque Te chamo, canto porque quero subir até à tua gloria!"

Mas o mar tem as suas águas presas nos abismos... A águia ultrapassa as nuvens mas não toca o céu... E o rouxinol, a-pesar-de cantar como os Anjos, tem o seu ninho sôbre a terra...

Só ao homem é dado subir até ao Altissimo. E só êle tem o poder de elevar consigo até ao infinito as criaturas. Ouçamos a voz do mar e compreendamos o seu anseio divino... Tôda a natureza espera por nós para glorificar o seu Criador.

A glória de Deus é a razão de ser de tôdas as criaturas. Mas o mar não tem alma; para subir até Deus, temos de lhe emprestar a nossa! E é justo que assim seja. Deus criou para o homem tôdas as criaturas; mas criou-nos a nós para Ele; portanto, de tudo nos havemos de servir para O glorificar. Escutemos a voz do mar e compreendamos o seu anseio divino...

O mar! E' verdade que não existe coisa alguma mais formosa que tu. Que nos espaços infindos não se encontra um espelho que melhor possa reflectir a própria beleza de Deus... Mas a glória que dás ao Senhor é só material porque não possues inteligência nem coração...

Esses dons, só os recebeu o homem! E o que tu não podes, sendo tão grande, posso-o eu, sendo tão pequena! Na concha das minhas mãos cabe a tua imensidade e posso realizar os teus desejos: elevar-te até ao céu para te colocar como uma pérola na coroa do Rei eterno!

O' mar! Não tenhas medo da tua soledade! Não estás só. Eu estou contigo; Deus está comigo... O' mar, louvemos o Senhor!

Coccinelle

O LAR

A CASA DA NOSSA AVÓ

SEGUNDO IMPÉRIO

COMO êste mês é de férias, não quero falar em coisas «úteis» mas sòmente agradáveis. Afinal, nada mais agradável para a mulher do que arranjar a sua casa e, sendo possível, arranjá-la com gôsto e economia?

Em geral o estilo Segundo Império ou aquêle a que os inglêses chamam «Victorian», é ainda económico entre nós, e certamente o poderemos tornar muito interessante. Não me quero referir ao que se usava nas côrtes da Imperatriz Eugénia ou da Rainha Vitória mas sim ao que lhe correspondia nos lares da burguesia dessa época. — Todo o género romântico, desde a literatura aos móveis está agora em moda. As coisas, consideradas «horríveis» e que os nossos Pais tinham armazenadas no sótão, descem agora triunfalmente a escada e vêm de novo entronizar-se na sala ou nos quartos. E as visitas, não nas acham antiqüadas, mas verdadeiramente elegantes! — «Oh! querida, onde arranjaste êste candieiro adorável? E aqueles palmitos de flores de cera com redomas de vidro? Mas isto é do mais caro e mais procurado na América!» Na verdade é! Mas não digo: «estavam no sótão». Respondo só: «São lembranças de família. Muitas eram do quarto da minha avó». Em Portugal enternece e na América dá imenso back-ground, isto é, ajuda a compor o fundo do quadro da nossa existência. Pois nesse país, saber quem era a nossa avó ou bisavó já é ser nobre. Dizer a 3.ª Mrs. Astor (como tantas vezes se vê escrito em jornais elegantes) é como para nós dizermos a 15.ª Duquesa de Bragança, e afinal uma 3.ª pessoa que se distingue numa família é apenas neta da primeira — Graças a Deus, Avó, tôdas a temos ou tivemos e na verdade a sua dôce recordação liga-se quási sempre a alguns objectos ou móveis, que longe de desterrarmos, podemos agora acarinhar e colocar em lugar de honra com satisfação para todos!

Mas é preciso ter cautela, os americanos abusam um pouco do género e exageram os enfeites, cortinados e côres. Como em todos os estilos há o bom e o mau gôsto. Uma sala da província cheia de quadros mal pintados por colegiais, os tapetes de tons berrantes, as almofadas enfolhadas, mesmo que seja dessa época, hoje considerada elegante, não deixa de ser feia. — O verdadeiro é juntar o que se tem de bonito nesse género. Sendo possível comprar mais algum objecto para completar o todo e arranjar a salinha ou o quarto o mais «avòzinha» possível.

Cama de mogno com colcha de crochet, destas muito grossas (que custam tanto a lavar!), um candieiro de globo na mesa-toucador de folho de cambraia engomada e outras coisas pequenas no mesmo género, e teremos um quarto «à última moda»: Ao mesmo tempo tão cheio de recordações dessa época pacífica em que reinava em Portugal D. Pedro V!

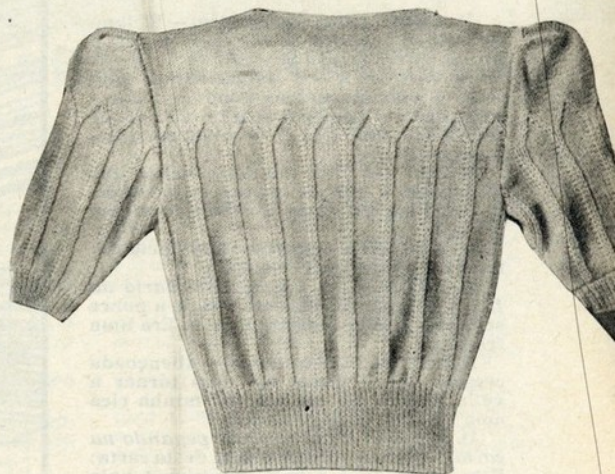
Com certeza o nosso coração se tornará ao seu contacto, mais simples, meigo e calmo, como o daquela linda Rainha D. Estefânia, que reinou só o tempo suficiente para deixar amargas saüdades aos que a conheceram, e o exêmplo das suas virtudes a tôdas nós.

FRANCISCA DE ASSIS

TRABALHOS DE MÃOS

APROVEITEMOS as férias para preparar agasalhos para o inverno. Os modêlos que hoje publicamos, mesmo nas manhãs frescas de verão e nas tardes de outono, nos darão confôrto

BLUSA DE MALHA

Esta blusa dará bom resultado se fôr feita em lã fina, para os franzidos terem graça. Ficará bonita em azul-cinzento ou qualquer outro tom suave.

BLUSA DE MALHA

Esta blusa, sendo em lã fina, é boa para a praia. Para o inverno, ficará lindamente debaixo dum casaco, sobretudo se fôr duma côr alegre.

CASACO DE MALHA

Êste casaco, cuja graça está na barra alta, em ponto diferente, subindo acima da cintura, poderá ser feito com as mangas compridas, se o destinarmos para o inverno. Temos de pensar no frio, e um casaco deve ser um agasalho.

PAGINA DAS LUSITAS

Por Maria Paula de Azevedo

Há pessoas que são indiferentes às belezas da Natureza!

D. ERMELINDA *(pensativa)* — E lembrar-se a gente que se não fôsse a creada antiga do Dr. Almeida...

D. AUGUSTA — E' interessante tudo isto; e quantas graças temos que dar à Providência! Lembrar-se a tal velhota de que a tua Mãe, que Deus haja, te oxigenava o cabelo!

MARIA DA LUZ *(rindo)* — Agora que m'o dizem é que me lembro de ir em pequenina muitas vezes ao cabeleireiro com a Mãe!

D. AUGUSTA *(severa)* — Que ideia detestável pintar uma criança.

D. ERMELINDA *(abraçando Maria da Luz)* — A intenção não era má; e a pobre senhora já não é dêste mundo. Era uma fraqueza...

MARIA DA LUZ *(contente)* — Abençoada creada velha! Quem me dera tornar a vê-la, já que ela era mãe da minha rica ama e andou comigo ao colo!

D. AUGUSTA *(de repente, pegando na carta)* — Olhem, olhem a data desta carta: Vem atrasada e é hoje, ouviram? hoje mesmo, que chega o Tio Guilherme!

D. ERMELINDA *(levantando-se)* — Vou já tratar da sobremesa e de mandar vir flores para o centro *(sai)*.

MARIA DA LUZ *(radiante)* — Parou um carro à porta, Tia Augusta! *(olhando para a rua)*.

— E' êle! E' êle! Que bom!

E, de facto, era o Dr. Guilherme d'Almeida que, logo de entrada, pegou na sobrinha ao colo, como quando ela era pequenina, cobrindo-a de beijos.

DR. ALMEIDA — Que alegria a minha, meu amor! Agora vais contar-me tudo o que sucedeu desde a tua partida para o Brazil com o teu pobre pai!

Então, sentada no colo do Tio, Maria da Luz contou o que se passara desde a sua partida de Lisboa, o horror do torpedeamento e a sua vida com as boas senhoras a quem chamava tias.

DR. ALMEIDA — Minha Luz querida, tu já sabes a que acaso feliz eu devo o ter-te enfim encontrado?!

D. ERMELINDA *(entrando e sentando-se)* — Conte, doutor, conte!

DR. ALMEIDA — Falava eu com minha irmã do nosso passeio à Serra da Estrela e recordava esta adorável pequena *(beijando a sobrinha)*...

MARIA DA LUZ — Querido Tio Guilherme!

DR. ALMEIDA — Então a minha irmã observou: olha que, em todo o caso, ha estranhas coincidencias neste mundo! Pois esta pequena tem o mesmo nome e a mesma idade da nossa sobrinha!

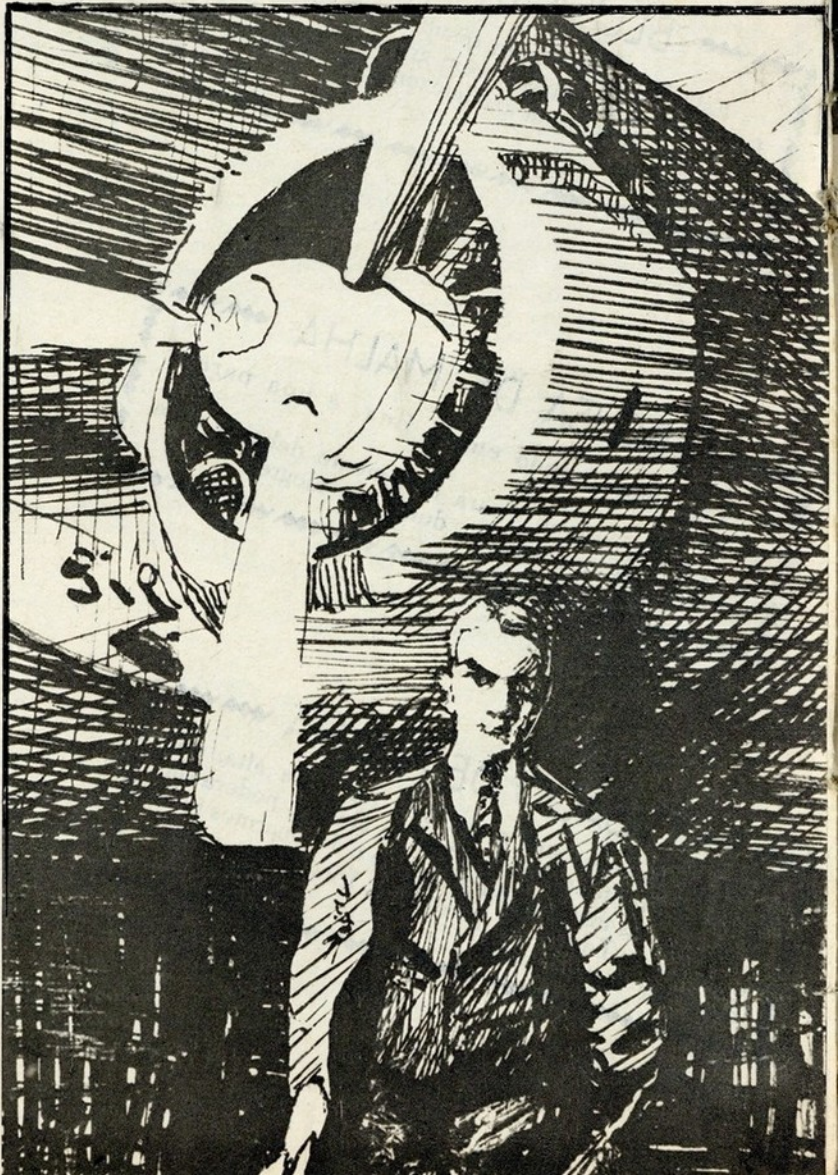
D. ERMELINDA — Realmente dava que cismar: e olhe que muito cismei eu...

DR. ALMEIDA — Mas quando a minha velha Conceição (que está na familia ha quarenta anos) ouviu a conversa, tagarela como ela é disse logo: Ora, ora, Nosso Senhor escreve direito por linhas tortas. E o senhor não sabe que a senhora sua cunhada (Deus a tenha lá no Céu) usava levar a menina ao cabeleireiro para lh encarniçar os cabelinhos, que eram ne gros como azeitonas? Sei tudo isto pe minha filha que foi a ama da criança: se calhar essa menina...

MARIA DA LUZ *(rindo à gargalhad* — Ha! Ha! Ha! Deve ser engraçadissim a Conceição!

DR. ALMEIDA — Então fez-se luz n nosso espirito: e não descansei enquant não indaguei da agencia tudo o que dizi respeito ao salvamento das pessoas na baleeiras...

D. AUGUSTA *(entrando)* — Vamos jan tar, sim? E enquanto não chega o pai d Luzita, o que espero seja êste ano aind não poderemos ter jantar mais alegre d que vai ser o de hoje!

...chegou o engenheiro Paulo de Oliveira, de avião

ERA UMA VEZ... AS IDEIAS DE MARIA FRANCISCA

LEMBRAM-SE de Maria Francisca conversando no páteo do colégio com amiguinhas da Escola, uma muito pobre, outra remediada?...

Pois cá vem ela hoje outra vez, cheia de ideias e pronta a discutir com outras amigas, a casa de quem foi passar a tarde.

— Maria Francisca — preguntou Adelaide — conheces a Felismina?

— Uma tola, isso é que é certo — disse Rosalina, com ar enjoado.

— Tola porquê? — tornou Adelaide — E' um pouco emproada e cheia de si, isso é verdade; mas é filha de gente muito fina, por isso não admira.

Maria Francisca levantou a cabeça.

— Achas que é emproada porque é fina, ou que as pessoas finas são sempre emproadas?

— Não sei bem explicar o que é ser fina ou ser...

— Ordinária — tornou Maria Francisca.

— Sim — continuou Adelaide, cismática. — Mas o que sei é que nós somos finas, e as filhas da mulher a dias são ordinárias — concluiu.

— Tôda a gente sabe isso — declarou Maria José. — Não descobriste nada de novo.

Maria Francisca porém interveio:

— Pois acho que estão completamente enganadas! — exclamou com fôrça. Depois dum momento, continuou:

— Ser fino ou ser ordinário não tem nada com a fortuna e nada com a situação da pessoa.

— Ora essa! — indignou-se Adelaide — explica lá isso se és capaz!

— E' já, minhas ricas — tornou Maria Francisca.

— Olhem, começo por lhes contar uma coisa que vi ontem mesmo na igreja: e achei que era uma coisa ordinária.

— Anda, conta lá — pediram muitas.

— Sabem que ao pé do confessionário da esquerda está sempre muita gente para se confessar. E as pessoas sabem muito bem quem chegou antes e quem chegou depois.

— A's vezes querem passar adeante... — disse Maria da Luz.

— Deixa ouvir — cortou Adelaide.

— Pois o que eu vi foi isso mesmo — continuou Maria Francisca. — Estava lá uma garota pobre, à espera da sua vez; mas uma menina, que tôdas nós bem conhecemos e de quem não quero dizer o nome, foi-se chegando e, quando era a vez da garota, tirou-lhe o logar e foi para o confessionário!

— E a garota, coitada? — preguntou Alice.

— Não disse um pio; e ficou à espera. Quem foi a ordinária e quem foi a fina, digam lá? — tornou Maria Francisca.

Adelaide não respondeu: ficou pensativa...

— Oiçam agora outra história — continuou Maria Francisca. — A pequena da porteira, como sabem, é uma rapariga já crescida: tem dezassete anos, e chama-se Nazaré.

— O pai é agulheiro dos eléctricos — disse Alice. Maria Francisca tornou:

— E a mãe é a nossa porteira: gente pobresinha e com pouca educação, coitados. Pois bem: a Nazaré tem sentimentos tão delicados, tão finos, que nunca poderemos classificá-la de ordinária!

— Mas é — teimou Adelaide.

— Não é! — gritou Maria Francisca, indignada. — E' humilde, é modesta, não tem educação; mas não é ordinária. E ainda na semana passada deu provas de ser mais fina do que a senhora do 1.º andar...

— Que é riquíssima! — declarou Rosalina.

— E ordinaríssima — concluiu Maria Francisca.

— Já sei o que vais contar, Chica — disse Alice.

— Pois se já sabes, Alice, pensa bem no caso e diz se a mais fina das duas não é a Nazaré?

— Conta a história, sim? — pediu Adelaide.

— E' simples — tornou Maria Francisca. — A tal senhora mandou ir lá a Nazaré como costureira a dias: a rapariga é muito geitosa. E quando as creadas estão doentes ou saem, a Nazaré faz o serviço da porta. Uma manhã foi lá bater aquela pobre mulher, sabem, que tem o marido tuberculoso e sete filhos pequenos?

— Bem sei, bem sei — disseram muitas vozes.

— E disse a Nazaré que o marido estava a morrer, que os filhos tinham fome, e que se a senhora lhe desse algum trabalho ou alguma esmola era uma sorte para ela e muito lhe agradecia.

A Nazaré foi transmitir o recado todo: e bem sabia, porque as creaturas moram ali ao pé, que tudo era verdade.

— Tão verdade que o homem morreu ontem, coitado — observou Alice.

— Mas a senhora não quiz saber de nada: sacudiu a Nazaré a bom sacudir e respondeu que não tinha nada com a doença do homem. E sabem o que fez a boa Nazaré? Deu à mulher uma esmola e disse-lhe: «A senhora manda-lhe esta esmolinha. Desculpe ser tão pouco; mas «a senhora tem agora imensas despezas «e não se pode alargar como queria. Deseja muito que o seu marido melhore, coitadinho». Que dizem vocês a esta maneira de sentir da Nazaré?

— A senhora é que é uma peste — declarou Adelaide.

— Vejam bem — concluiu Maria Francisca — que o ser fino ou ordinário é uma questão de sentir: não é uma questão nem de fortuna, nem de posição social; percebem? Neste caso, a filha da porteira mostrou-se fina; a senhora educada e rica, ordinária...

— Talvez tenhas razão, Chica... — murmurou Maria José, cismática...

COLABORAÇÃO DAS FILIADAS

A Peregrinação da M. P. F. do Pôrto a Fátima

O dia 11 de Maio chegara enfim! A' uma hora da tarde partimos de S. Bento em direcção a Fátima, cantando e rezando, entre campos tapetados de flôres e de verdura, entre o mar e a serra. O sol não brilhava no azul imenso dos Céus, porque a Virgem da Fátima queria que a nossa peregrinação fôsse um acto de Fé e reparação pelos nossos pecados e pelos dos nossos irmãos.

Avè, avè, avè Maria!

A' meia-noite estavamos em Fátima, em plena serra, longe dos homens, lá onde a alma se sente mais forte e, pelas mãos maternais de Maria, se eleva até Deus. Foi aquela a terra que ela pisou há vinte e cinco anos, para trazer a Portugal a mensagem do Céu, mensagem de paz, mensagem de amor.

Ali tudo nos fala dela, as aves, as azinheiras, a capela humilde e pobrezinha onde têm encontrado alívio tantos corações amargurados. Sem querer, entramos dentro de nós para arrancar da nossa alma as flôres do mal.

Dia 12. Manhãzinha ainda já começa a chegar gente: homens e mulheres, velhos e crianças. Uns ajoelham aos pés da Virgem, contando-lhe as suas necessidades, as suas angústias, pedindo a paz para o mundo e para a nossa terra. Dos lábios da gente humilde sai sempre a mesma prece.

«Nossa Senhora da Fátima, perdoai-nos e salvai Portugal!»

«Nossa Senhora da Fátima, dai a paz ao mundo!» Rainha da paz, rogai por nós.

Outros vêm de joelhos desde a entrada do Santuário, cumprindo uma promessa feita em hora de aflição, pelo marido doente, pelo noivo, pelo irmão, pelo filho. Como nos sentimos pequenos diante destas almas generosas que caminham de rastos, pela lama! E no nosso espírito há uma íntima alegria ao pensar que somos ainda um povo cristão que nasceu e continua a viver à sombra de Maria. A' noite organiza-se a procissão das velas, apesar da chuva e do vento. Todos levam a sua luzinha, imagem apagada de uma chama mais viva, símbolo de Fé, símbolo de amor.

Começa depois a Adoração Noturna, preparação remota para a Comunhão, homenagem ao Deus que quiz continuar entre os homens, para lhes ser o companheiro fiel de tôdas as horas.

No dia 13 de manhã, dia inesquecível para quem vai a Fátima, celebra-se a Missa da Comunhão geral em que milhares de pessoas recebem «o Pão da Vida». A's dez horas realiza-se o côro falado pelos oito mil rapazes da J. C., apoteose magnífica à Rainha da lusa gente.

A's 11 sai a primeira procissão com a imagem de Maria. Ao vê-la a multidão dos fieis saúda-a com os lenços brancos. Desfilam diante de nós os rapazes da J. C. com as suas bandeiras, seminaristas, sacerdotes e todos os bispos do Continente, reunidos em Fátima, com o Senhor Cardial Patriarca, que celebra um solene Pontifical de acção de graças. Depois da Missa, canta-se um Te-Deum e é dada a benção aos doentes, em número de quinhentos.

Um sacerdote faz as invocações a que responde a multidão imensa dos devotos de Maria.

«Senhor, fazei que eu veja!» «Senhor, fazei que eu ande!» «Senhor, fazei que eu oiça!»

E, quando a custódia passa diante dos pobres enfermos, êles repetem com viva fé: «Senhor, se vós quizerdes podeis curar-me!...»

Acabadas as cerimónias canta-se o «Adeus». Nossa Senhora volta à Capela das Aparições.

Os lenços brancos acenam-lhe saùdosamente e as lágrimas correm impetuosas dos olhos do povo cristão.

Dentro de algumas horas Fátima ficará deserta. Todos partem depois de terem ido aos pés da Mãi de Deus fazer a sua despedida. Que momento tão doloroso! Mas a «Senhora», que gosta de vêr os corações alegres, parece sorrir e dizer: «Vai, no teu trabalho, na tua vida, recorre a mim, eu sou sempre a tua Mãi, sou o caminho para Jesus».

Maria Rosa de Jesus Vieira
Filiada n.º 3098 — Centro n.º 2 — Ala n.º 1
"Douro Litoral"

Foto: M.me CAZALIS

O mar

Oh mar! Oh mar gigante!
Que tens tão livremente
Beijar a branca areia
Com tua voz dolente.

Por tuas verdes águas
Eu queria navegar
Por dentro do teu seio
Vêr grutas d'encantar.

Contar-te meus segrêdos,
P'ra te poder amar
Tornar-te meu escravo,
Seres só meu, oh mar!

Maria da Conceição Azevedo Biusel
Filiada n.º 37.015. Divisão do Algarve.
Ala 3 — Centro n.º 1

A flor de que eu mais gosto

Como são lindas as flôres!... Mas, para mim, nenhuma tão bela como as glicínias.

E porquê?

Oh!... o motivo parecerá bem pueril, para quem me não compreender!... mas, no entanto, vou dizê-lo:

Vi, uma vez, essas florinhas tão suaves e candidas, junto ao altar da Virgem, numa igreja pequenina, lá longe... perdida nos vales...

Esse encontro, para muitos tão banal, impressionou-me bastante, e a minha imaginação pôs-se a voar.

Subiu... subiu... no azul cristalino do ar e penetrou no Paraíso; viu anjos de asas brancas, com grinaldas de glicínias, que brincavam num jardim muito lindo, todo cercado das mesmas florinhas; viu fontes maravilhosas; viu as almas puras, gosando os prazeres eternos do Paraíso, e, mais longe, o Supremo Artista, tendo ao lado Nossa Senhora, contemplava êsse jardim de sonho; as suas vestes eram feitas de pétalas de glicínias, e, por tôda a parte, essas florinhas perfumavam os ares!... Como era belo!...

Então, ràpidamente como subira, a minha imaginação desceu à terra. Inconscientemente, eu pegara no ramo de glicínias que enfeitavam o altar...

Em volta tudo era silêncio, mas dêsse silêncio do campo, que é feito de ruídos. O Sol lançava os seus raios benéficos e acolhedores por sôbre a Natureza; um perfume de flores silvestres pairava nos ares. Era em Maio, o mês das flôres! Contemplei o altar onde a Virgem sorria carinhosamente e, depois de apertar contra o coração as graciosas florinhas, depu-las novamente na jarra.

Do íntimo da minha alma, saiu uma prece dirigida a Santa Maria:

Santa Virgem das Virgens! Senhora dos destinos de Portugal: protege-nos, porque em Ti confiamos!

Somos Teus, porque D. Afonso Henriques a ti nos ofereceu!

Olha, Santa Virgem! por todos os pecadores e por todos os que sofrem; pelos velhinhos e pelas criancinhas; torna bons todos os maus; e por último, protege Portugal que Te ama!...

. . . .

São passados alguns anos, mas ainda hoje recordo com ternura essa tarde primaveril.

Obrigada, glicínias, que me destes a conhecer tão lindo sonho!...

Raparigas da Mocidade! Unamo-nos tôdas, para pedir à Virgem um futuro risonho a Portugal!...

Aura Fernandes Carrilho
Vanguardista
Filiada n.º [illegible]
Alto-Alentejo